

Recebido: 26 / 06 / 2023
Aceito: 28 / 11 / 2023



Revista
Terceiro Incluído

ISSN
2237-079x

A Importância da Didática do Ensino Superior no Estímulo ao Autoconhecimento: uma alternativa de sobrevivência para o futuro

The Importance of Higher Education Didactics in Stimulating Self-Knowledge: a survival alternative for the future

La Importancia de la Didáctica de la Enseñanza Superior para Estimular el Autoconocimiento: una alternativa de supervivencia para el futuro

*Antônio Carlos da Rocha*¹

 <https://orcid.org/0000-0001-8917-7838>

Resumo

O artigo fala na importância do debate em torno do tema autoconhecimento como alternativa à sobrevivência psicológica de profissionais do futuro neste século das inovações tecnológicas e da Inteligência artificial. Mostraremos a viabilidade da aposta na Didática de Ensino na Educação Superior para auxiliar estudantes de graduação adotarem autoconhecimento. Considerando que sobreviverão no mercado de trabalho competitivo quem gerir as próprias emoções, falaremos na urgência do investimento nesta premissa. Trabalhar a gestão das emoções é essencial e ao mesmo tempo uma alternativa a preservar os profissionais do futuro, garantindo-lhes, melhor atuação no mundo competitivo das pressões impostas pelo meio digital que desafia o psicológico humano de forma avassaladora. Olhando por este viés, enxergamos a eficácia do desafio e a justificativa da proposta. O objetivo é provocar o sistema de Ensino Superior sobre a capacidade de investir na Didática de Ensino com recursos que oportunizem uma nova mentalidade permitindo um pensamento com técnicas e estímulos ao autocontrole. Assim sendo, o estudo bibliográfico perpassa por sugestivas teorias para ajudar o leitor entender a finalidade da proposta. Que a Didática de ensino sirva de fomento à nova perspectiva, seja protagonista e não fique no anonimato.

Palavras-Chave: Didática; Educação Superior; Futuro; Gestão da Emoção; TICs.

¹ Doutorando em Educação Superior na Universidad de Palermo - Argentina, Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Del Sol (UNADES) - Paraguai, EMEF Fernando de Azevedo, [tiooninhoopo@hotmail.com](mailto:tioantoninhoopo@hotmail.com)

Abstract

The article discusses the importance of debating the subject of self-knowledge as an alternative to the psychological survival of future professionals in this century of technological innovations and artificial intelligence. We will show the viability of betting on Teaching Didactics in Higher Education to help undergraduate students adopt self-knowledge. Considering that those who manage their own emotions will survive in the competitive job market, we'll talk about the urgency of investing in this premise. Working on emotion management is essential and at the same time an alternative to preserve the professionals of the future, guaranteeing them a better performance in the competitive world of pressures imposed by the digital environment that challenges the human psyche in an overwhelming way. Looking at it from this angle, we can see the effectiveness of the challenge and the justification for the proposal. The aim is to provoke the higher education system about its ability to invest in teaching didactics with resources that provide a new mentality, allowing for thinking techniques and stimulating self-control. Therefore, the bibliographic study goes through suggestive theories to help the reader understand the purpose of the proposal. May teaching didactics serve to foster a new perspective, be a protagonist and not remain anonymous.

Keywords: Didactics; Higher education; Future; Emotion management; ICTs.

Resumen

El artículo discute la importancia del debate sobre el autoconocimiento como alternativa para la supervivencia psicológica de los futuros profesionales en este siglo de innovaciones tecnológicas e inteligencia artificial. Mostraremos la viabilidad de invertir en la Didáctica de la Enseñanza Superior para ayudar a los estudiantes de grado a adoptar el autoconocimiento. Considerando que aquellos que gestionen sus emociones sobrevivirán en el competitivo mercado laboral, hablaremos de la urgencia de invertir en esta premisa. Trabajar en la gestión de las emociones es esencial y, al mismo tiempo, una alternativa para preservar a los profesionales del futuro, garantizándoles un mejor desempeño en el competitivo mundo de presiones impuestas por el ambiente digital, que desafía la psiquis humana de forma abrumadora. Mirándolo desde este ángulo, podemos ver la eficacia del desafío y la justificación de la propuesta. El objetivo es provocar al sistema de enseñanza superior sobre su capacidad de invertir en la enseñanza de la didáctica con recursos que proporcionen una oportunidad para una nueva mentalidad, permitiendo técnicas de pensamiento y estimulando el autocontrol. Por lo tanto, el estudio bibliográfico pasa por teorías sugestivas para ayudar al lector a comprender el propósito de la propuesta. Que la didáctica de la enseñanza sirva para fomentar una nueva perspectiva, ser protagonista y no permanecer en el anonimato.

Palabras clave: Didáctica; Enseñanza superior; El futuro; Gestión de emociones; TICs.

Introdução

O artigo tem a preocupação de mostrar a importância do diálogo em torno do autoconhecimento, pois vivemos a era das informações e pressões sociais que requer do profissional a capacidade de gerir as emoções, a partir da autogestão. Portanto, administrar a própria mente é o desafio do momento e a razão de preocuparmos com possíveis alternativas. Foi com este intuito que elaboramos a proposta para sugerir a Educação Superior o investimento na Didática de Ensino em busca de alternativas para que os profissionais do futuro possam lidar com seus estresses psicológicos. Precisamos de um profissional que saiba lidar com as emoções e desafios adequando-se à concorrência dos novos tempos. Mostraremos que o cotidiano requer ajuste e a didática tem o poder de ajudar no controle de desafios do futuro da humanidade.

Entendemos que trabalhar a gestão das emoções é a forma ideal para preservar as novas gerações dos transtornos garantindo-lhes um futuro dentro da velocidade do momento, nunca visto, antes. Portanto, o objetivo é provocar o sistema de Ensino Superior a investir na melhoria da Didática de Ensino com recursos que oportunizem a nova mentalidade, uma nova forma de pensar e agir com técnicas de estímulos ao autoconhecimento e ao autocontrole, pois os referenciais bibliográficos atestam a eficácia da demanda. Os referenciais são teorias que dão aos leitores uma dimensão do que se busca na ordem prática, com sugestivas opiniões para se pensar o futuro.

Se há problemas que desafiam a humanidade neste período das inovações tecnológicas e requerem uma solução, compete ao pesquisador criar teorias na busca por alternativas que melhor contribua com o sucesso do aprendiz e amenizem os desafios da era da competitividade. As teorias apresentadas, na sua vertente crítica, têm essa função e por isso norteamos o artigo, a partir do título: “Os dramas que o coração sente e o cérebro não controla”; “A didática inovadora capaz de promover a autogestão e a gestão do conhecimento”, “Como administrar as emoções e potencializar a aprendizagem” e “A neodidática (nova didática) uma perspectiva de futuro”.

Se no primeiro título falamos sobre “os dramas entre coração e mente e o cérebro não controla”, no segundo, mostramos a importância da didática inovadora na promoção da autogestão e gestão do conhecimento ajudando na administração das emoções e conhecimentos. Falamos na administração das emoções como forma de potencializar o aprendiz, finalizando com a neodidática (nova didática) e a perspectiva de futuro. Esperamos ver uma didática potencialmente apta na ajuda aos aprendizes no enfrentamento dos desafios atuais, garantindo a eles, a demanda de um futuro que desafia o humano a cada dia. Se, de um lado, as evoluções

trazem facilidades, do outro, elas produzem novos desafios e esta demanda deve ser absorvida pelos aprendizes sem contaminá-los, caso contrário, teremos uma geração de depressivos e frustrados emocionais.

Concluimos as reflexões mostrando que é possível melhorar a qualidade de vida das pessoas e para isso acontecer, será necessário um sujeito que entenda os dramas e desafios atuais. Além de entendê-los, o aprendiz precisa pensar na melhor alternativa para driblar as pressões impostas pela estrutura competitiva que transforma seres humanos em mercadoria, caso contrário, não teremos sujeitos, mas objetos de controle do mercado. Pensamos o futuro como bem-estar humano e isto requer compreensão ideológica das amarras na estrutura social, entendimento da conjuntura no país e autocontrole, saber usufruir dos benefícios oferecidos pelo sistema de informação sem deixar ser contaminado pelas manipulações ideológicas que não levam a lugar algum.

Os dramas que o coração sente e o cérebro não controla

Começamos as análises com Augusto Cury (2016), alertando sobre o cuidado que devemos ter com os “predadores”. Ele explica que no passado as pessoas gastavam energias físicas preocupadas com a sobrevivência, com os predadores e venenos, em contrapartida, hoje temos novos “predadores”, novos “venenos” capazes de consumirem a psiquê humana. Para o psicólogo, psiquiatra e escritor, na sua vertente crítica, os predadores e venenos estão dentro de nós mesmos, dentro da nossa mente. Acreditamos ser possível desenvolver uma Didática de Ensino que tenha como papel fundamental a desmistificação desses dramas, ou pelo menos, uma didática capaz de buscar alternativas a ajudar os alunos lidarem com fantasmas que os rodeiam.

Já ouvimos críticas no meio acadêmico direcionadas ao referido Cury e uma delas é que não se trata de um pesquisador científico, mas um aventureiro que escreve baseado nas experiências do trabalho, no entanto, acreditamos na eficácia das sugestões de autoajuda e autocontrole apresentadas por ele, acreditamos na preocupação com o papel da educação para formar cidadãos capazes de lidarem com a própria mente. A educação e os educadores estão sofrendo as pressões do momento das inovações e mudanças constantes e é verdade que uma psiquê mal preparada está sujeita a frustrações. Neste sentido, concordamos com a necessidade da preparação das pessoas para lidarem consigo mesmas, enfim, lidarem com os outros.

A primeira compreensão que devemos ter da gente mesmo e da nossa relação com o outro, segundo Cury, é perceber a complexidade da rotina humana na família de tendência a

fortificar no convívio social. Está claro que é nas interações humanas que sujeitamos a diversos comportamentos e isso ocorre porque: “Ninguém é plenamente estável e coerente.” (Cury, 2016, p. 19). Se ninguém é plenamente estável e coerente, é evidente que algo oscilante circunda a mente exigindo cautela nas tomadas de decisões, principalmente na hora de depositar confiança no outro, ou tomar uma decisão em relação ao outro para ajudá-lo, ou entendê-lo.

Para entender melhor o que estamos falando, destacamos duas situações que podem emergir no subconsciente quando armazenarmos informações. Segundo Cury (2016), trata-se das janelas Killer e janela Light controladoras das emoções. A primeira é capaz de arquivar: “...traumas, fantasias, fantasmas, crises, fobias, ciúmes, sentimentos de inveja, baixa autoestima, timidez, complexo de inferioridade, necessidade neurótica de poder, de controlar os outros, de ser perfeito” (Cury, 2016, p. 32). A segunda, é a responsável: “...pelas experiências de segurança, as imagens altruístas, a solidariedade, a tolerância, a generosidade, a paciência, a autoconfiança, a autoestima, o prazer, a capacidade de se colocar no lugar do outro, a sensibilidade, a necessidade de inclusão” (Cury, 2016, p. 32).

Olhando por esse viés podemos entender, pelo menos parcialmente, alguns dos motivos das atrocidades na vida das pessoas, um apresenta comportamento positivo proporcionando-lhe felicidade e segurança. Em contrapartida, outro apresenta o oposto. Portanto, é possível buscar conhecimento acerca da polêmica que atinge a psiquê humana, na família e no convívio social. Na verdade, trata-se de comandos que ajudam no sucesso ou no fracasso do indivíduo e depende da capacidade administrativa/psicológica de cada um. Quem tiver autocontrole tem chance de sobressair melhor, por outro lado, quem carece deste recurso, tende a sofrer amarguras sem entender a si mesmo na hora dos desafios, entender o outro e certamente este último sofrerá mais.

Considerando o exposto, persistimos em Cury (2016, p. 40), para mostrar que “...O ser humano pode viver amordaçado dentro de si, ainda que sua língua esteja livre para falar. Pode viver acorrentado, ainda que suas pernas estejam soltas. Pode viver asfíxiado, ainda que seus pulmões estejam abertos.”. Se tudo isso acontecer, associado a diversos outros dramas do cotidiano é possível que haja um comprometimento e como consequência, quatro armadilhas mentais para justificar as angústias: o *conformismo*, o *coitadismo*, o *medo de reconhecer os erros* e por fim, o *medo de correr risco*. Todas essas justificativas fazem parte da rotina e no momento dos dramas estão propensas a aparecerem.

O curioso em tudo isso, é entender que dramas complementares podem surgir, pois as armadilhas da mente costumam levar o sujeito ao fracasso e estamos propensos a elas: “...Ricos

e miseráveis, psiquiatras e paciente, líderes e liderados têm um potencial psíquico global reduzido por não decifrar plenamente os códigos da inteligência (Cury, 2016, p. 11). O autor firma que não importa a origem do sujeito, dependendo da frustração, da conduta psicológica, a psiquê pode estar em pânico. Decifrar as mazelas da vida humana requer do ser em evolução, autoconhecimento e autocontrole conforme vimos até aqui. É neste momento que aparecem “*os dramas que o coração sente e o cérebro não controla*” provocando uma angústia que parece não ter fim.

Milhões de pessoas viajam em suas mentes no território das fobias, das preocupações doentias, da ansiedade, sem ter programado essa jornada. Entraram em um filme de terror a que não queriam assistir. O problema é que o filme roda em sua mente. Não há tecla para desligar o aparelho mental (Cury, 2016, p. 19).

Eis o grande drama!!! Desligar o aparelho mental das fobias humanas é uma incógnita mesmo na atualidade onde há tecnologias e informações. É perceptível a capacidade da mente humana, do potencial de criação que ela possui, no entanto, é impossível explicar como desligar o aparelho mental no momento de fracasso. Somente uma luta implacável para ajudar na administração das mazelas da mente em conflito, não é fácil entender a ação desencadeada na mente em conflito, isso é perceptível. Com as pressões competitivas da atualidade as angústias ampliam e com elas aumentam os problemas psicológicos, em seu agravante maior, vem a depressão. A partir da depressão, novas preocupações aparecem e o círculo vicioso passa pelos pais que transferem aos filhos, os professores que transferem aos alunos e as Instituições que transferem aos seus subordinados, etc.

Uma pesquisa que realizei sobre a qualidade de vida na população da cidade de São Paulo mostrou números chocantes 37,8% das pessoas estão ansiosas (mais de quatro milhões), 37,4% apresentam déficit de memória ou esquecimento, 30,5% sentem fadiga excessiva, 29,9% sentem dores musculares e 29,1% têm dor de cabeça (Cury, 2003, p. 12).

Mostra a pesquisa que o número de pessoas ansiosas na sociedade paulista é assustador, dados que certamente não diferem de outros centros urbanos competitivos. Tanto a ansiedade, quanto o déficit de memória, o esquecimento, as dores musculares e outras são, evidentemente, indícios da sociedade estressada que abordamos até aqui. Com o avanço das tecnologias e as mudanças constantes na forma de ser e agir das pessoas, apesar de conquistas “tecnológicas” importantes, a vida parece estar evaporando nas rotinas estressantes do mundo do trabalho que

explora ao máximo a energia humana. Percebam que: “...a mente humana está tão estressada pelo excesso de informações que hoje em dia 80 anos passam como se fossem 20 no passado” (Cury, 2017, p. 13).

A humanidade está em chamas. Sem gestão da emoção, ricos se tornam miseráveis, casais começam seus romances no céu do afeto e os terminam no inferno do atrito, jovens asfixiam sua criatividade, profissionais sabotam suas habilidades. Sem gestão da emoção, o céu e o inferno psíquico convivem na mesma mente ... (Cury, 2017, p. 33).

Necessitamos de um novo pensamento na era das evoluções tecnológicas capaz de conduzir o humano a outra dimensão. Considerando que a teologia influenciou o mundo e ganhou várias denominações, mas as pessoas continuam descrentes, que o sonho da liberdade individual, a partir da razão, aprisionou muitas pessoas, pois apropriaram-se dela para aniquilar sua evidência, que entramos na era dos algoritmos em busca da perfeição, mas presenciamos seres humanos estressados, crianças cansadas, fadigadas e que o conhecimento continua restrito as minorias, podemos afirmar que continuamos fracassando. A ausência da proteção e dos estímulos à consciência requerem que encontremos uma saída, talvez ela esteja no próprio comando do EU, no subconsciente.

Se observarmos o que disse o filósofo e crítico da Sociedade da Transparência Byung Chul Han veremos que a era das informações é também a era das pressões que forçam o ser humano ao estresse atual. Segundo Han (2017, p. 39): “A sociedade da transparência é inimiga do prazer. Dentro da economia do prazer humano, prazer e transparência não conseguem conviver...”. É assustador o índice das pressões sociais, das diversas exigências de uma era moderna com poder de poupar o pensamento, quando na prática vemos distorções e inibições do pensamento. Ao contrário do que deveria acontecer, as ações e reações humanas denotam uma população fadada ao estresse e aí reside a preocupação do diálogo, pois buscamos uma didática capaz de dialogar sobre os reais motivos das angústias humana neste novo século.

Por outro lado, vemos com o sociólogo brasileiro Jessé Souza em “Subcidadania brasileira: para entender o país do jeitinho brasileiro (2018)”, que há uma “ralé brasileira” fora dos interesses sociais, um grupo que durante quatro séculos cresceu e vagou pelo país. São seres dispensáveis, com pouco vínculo social e quase nenhum com o mercado de trabalho, são inúteis aos olhos do mercado e não tendo muita razão de ser, não exercem papéis fundamentais no setor produtivo, um grupo que, segundo Souza “...se espalhou por todo o território nacional, e

representava, em meandros do século XIX, cerca de 2/3 da população nacional.” (Souza, 2018, p. 178).

O Estado autoritário e modernizador, que se consolida a partir de 1930, não inicia o processo de modernização brasileiro, que começa já em 1808, como vimos, mas o põe em outro patamar. A partir dele, o processo de modernização brasileiro passa a ser comandado não mais pelo surto urbanizador e comercial, como no século XIX, mas, agora pela industrialização. (SOUZA, 2018, p. 219).

Para Souza, mesmo com a mudança estrutural (política e social) que pôs o Brasil em outra dimensão, prevaleceu o autoritarismo que na industrialização ocupou o espaço das grandes fazendas com um crescimento econômico centrado numa minoria privilegiada, em contrapartida, o negro e o mulato tivessem a pior sorte. Se valendo de Florestan Fernandes, Souza diz que “Os antigos senhores, na sua imensa maioria, o Estado e a Igreja, ou qualquer outra instituição, jamais se interessaram pelo destino do liberto.” (Souza, 2018, p. 223). Essas informações esclarecem a origem de alguns dos entraves responsáveis pela má estruturação e formação cultural da sociedade brasileira. No entanto, não queremos e não podemos discuti-la aqui, portanto, vamos voltar a atenção a outro conceito que também é curioso, o conceito de *habitus*.

Souza (2018) se vale de Bourdieu para falar no *habitus* primário, como capacidade de internalização de pensamentos incorporados na vida cotidiana, acrescido do *habitus* precário e o *habitus* secundário. Segundo ele, o *habitus* precário “seria o limite do *habitus* primário para baixo” e o *habitus* secundário seria “o limite do *habitus* primário para cima”. Portanto, “se o *habitus* primário implica um conjunto de predisposições psicossociais...”, a falta delas sugerem a tendência à precariedade. Comparado à realidade alemã, Souza afirma que o brasileiro viveu um abismo iniciado no século XIX, intensificado com o avanço da modernização em 1930.

Todos esses dramas fazem parte da história brasileira e cada vez que omitimos temendo expor a realidade contribuímos com as amarras que impendem a maioria evoluírem e é aí que aparecem os “*dramas que o coração sente e o cérebro não controla*”. Não controla porque não entendendo as causas e os motivos reais dos desafios que enfrentam, dramas que muitas vezes acompanham um cidadão em toda sua vida, no desespero inconsciente, a mente inconformada, se torna conflituosa. Neste sentido, prevemos a necessidade da didática para ajudar na demanda educacional desconstruindo eticamente e transparente os reais motivos dos dramas psicológicos que atuam na mente de cidadãos. Olhando por esse viés, percebemos a necessidade de uma

didática tridimensional que fale na conjuntura social, nos problemas emocionais e instrumentos tecnológicos da sem menosprezar sua eficácia, além dos problemas ambientais.

A didática inovadora capaz de promover a autogestão e a gestão do conhecimento

Talvez Nietzsche tivesse razão quando fez implacáveis críticas à universalização da educação na fase inicial da sua expansão. Como se pode ver em Llácer (2015, p. 63): “Nietzsche foi um crítico implacável da nova engrenagem educacional...”. Ele previu a dificuldade que a educação teria para atender a demanda universal do ensino obrigatório, afirmando a impossibilidade de se ter mestres com virtudes capazes de preparar as novas gerações, conforme veremos abaixo. Ao preocupar com a gestão do conhecimento, a autogestão, buscamos mostrar, de um lado, os dramas e pressões ideológicas, do outro lado, uma geração com dificuldades de gerir as próprias emoções por desconhecerem a conjuntura social e o contexto emocional que a desafia.

Nietzsche vai se opor também ao caráter universal do ensino obrigatório. Se todos os jovens de uma sociedade têm o direito a uma educação garantida pelo Estado, diz-nos, é estatisticamente impossível que haja mestres suficientes com as virtudes necessárias para formar adequadamente as novas gerações. Nas massificadas salas das escolas, substitui-se o vínculo mestre-discípulo da Antiguidade pela relação impessoal entre o professor e o aluno, uma relação condenada à mediocridade (Llácer, 2015, p. 63).

Embora sabendo das críticas de Nietzsche persistimos na opinião de Augusto Cury com o intuito de mostrar alternativa. O escritor afirma que a “Gestão é fundamental para que uma família, uma empresa, uma instituição ou uma pessoa sobreviva. Toda gestão tem etapas e processos que devem ser observados, cumpridos e melhorados.” (Cury, 2016, p. 67). É por essa razão que persistimos numa didática promotora de estímulo ao autoconhecimento, uma didática capaz de influenciar em inovações de um pensamento educação educacional que visa o diálogo em favor da vida. E por que queremos uma educação inovadora? Queremos uma educação inovadora porque o modelo de educação impositivo tende a inibir e frustrar a psique humana, ao contrário, o diálogo oferece outra dimensão, a de se sentir gente.

Um aluno obediente e passivo é pouco promissor para a sociedade e até para ele mesmo, precisamos corrigir equívocos na educação com tendência a domesticação, olhar com carinho para os alunos inconformados, estimulando-os, a ousar dentro de padrões conscientes. Assim

disse Cury (2016, p. 68): “O código do eu como gestor da mente humana decifra como filtrar estímulos estressantes, fazer a higiene, reciclar pensamentos, reeditar o filme do inconsciente e construir janelas para superar nossos conflitos.”. Assim sendo, vemos nas obras do autor, muitos conselhos pertinentes para a educação.

Queremos um gestor das emoções capaz de decifrar e filtrar os estímulos estressantes impostos pelas exigências e pressões psicológicas atuais, exigências, de grande tendência a aumentar. Precisamos de um intelecto com maior eficácia nas ações, um intelecto, capaz de conciliar didática, ideologia e gestão das emoções às técnicas de aprendizagem, caso contrário não teremos evolução, exceto para uma minoria privilegiada que pouco se preocupa com o social, com o humano e com a natureza como princípio da vida, isso parece trágico.

Em que espaço social, em que família ou empresa, se aprende a treinar a filtragem de estímulos estressantes – um excelente código da inteligência? Esse lamentável erro educacional, sociólogos, pedagógicos e psicólogos tem gerado consequências gravíssimas (Cury, 2016, p. 23).

Como mostra a citação, precisamos pensar na nova forma de conduzir a sociedade produzindo alternativas que ajudem na filtragem dos estímulos estressantes impostos aos humanos, evitando-os. Se considerarmos que na sociedade das informações, há ausência de filtragem dos estímulos estressantes, percebemos que não agindo neste sentido, consequências gravíssimas surgirão num futuro próximo. Essa é a razão de insistimos na ideia de ajustes na didática de ensino para atender a demanda psicológica do momento e contribuir com o futuro de uma geração de internauta que está a todo vapor sem a consciência desse controle. Essa responsabilidade não é só da educação, mas a educação tem um papel fundamental nos estímulos que devem começar nas séries iniciais.

O sistema educacional, como já apontei diversas vezes, tem como objetivo preparar os alunos para o mercado de trabalho, e não para a vida, mas no fundo não prepara nem para um nem para outro, pois uma pessoa doente exercerá de forma doentia suas atividades profissionais (Cury, 2016, p. 24).

Ao pensar no aluno para o mercado de trabalho, sem prepará-lo para gestão das emoções, cometemos um erro e o vacilo pode comprometer o futuro da humanidade. Se não entrar na gestão das emoções, a educação será falha, tanto quanto, outros seguimentos sociais responsáveis pela formação humana. As pessoas acabam adquirindo problemas psicológicos

forçados por pressões sociais iniciadas nas famílias, complementados nas escolas, igrejas e outros setores educativos. A ausência do aprendizado na gestão das emoções torna um agravante comprometedor que pode levar um indivíduo à depressão. Por essa razão, está evidente que a educação tem responsabilidade na demanda e é dever da didática de ensino, organizar, pleitear essa demanda, saindo da superficialidade.

Falar na demanda é simples, mas entender a situação, é mais complexo do que parece, conforme mostra Cury (2016, p, 25): “Enxergar os outros com nossos olhos é uma tarefa simples, não exige treinamento. Mas enxergá-los com os olhos deles mesmos requer treinamento.”. Sabemos do esforço dos educadores, mas preocupamos com sugestões úteis ao fazer didático, mostrando que na prática, primeiro precisamos gerir as próprias emoções para depois olhar o outro dentro de suas limitações e isso requer conhecimento que ultrapasse as fronteiras de nossas emoções, requer um professor com habilidade na própria conduta, com empatia ao outro dentro de suas limitações.

José Moran (in. Bacich e Moran, 2018), é outro teórico importante que não podemos deixar de citá-lo aqui, pois ele fala na importância das tecnologias digitais mostrando que nos inúmeros problemas, desafios, distorções e dependências, que exigem a atenção de um projeto pedagógico, não podemos ignorar o mundo conectado. Estamos em uma era dinâmica onde as tecnologias digitais facilitam a aprendizagem de forma colaborativa, estando o aprendiz próximo ou distante, não importa, afirma o autor. Sabendo usar os recursos digitais, assegura, é possível trocar informações e isso é relevante para garantir a eficácia no uso das tecnologias digitais, mas é preciso usá-las, adequadamente.

O que mudou foi o ecossistema, o contexto social no qual está inserida a escola. o mundo e a vida mudaram muito – e a escola pouco mudou. A vida no século XXI, especialmente a vida das crianças e dos jovens nas grandes cidades, tem sido cada vez mais mediada pelas tecnologias digitais da era urbana do consumo e da informação (Andrade; Sartori In Bacich; Moran, 2018, p. 175).

Portanto, em “Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática (2018)”, Bacich e Moran (2018), mostram diversas possibilidades de ações que são importantes para o momento. Dentre as possibilidades: aula invertida, aula compartilhada, ensino híbrido, Design Thinkng, formação continuada dos professores, currículo STEAM, dentre outras pertinentes. Tudo isso vem somar às preocupações do artigo e como não queremos adentrar nas sugestões da obra, limitamos às sugestões. Não poderíamos deixar de citá-las por

se tratar de informações essenciais para a didática no envolvimento e na apropriação de recursos tecnológicos digitais.

Iturbe (2022, p, 14), por sua vez, fez crítica a estrutura de uma nova linguagem como ferramenta ideológica e a extinção de uma reflexão crítica: “Quien ignore la imposibilidad del cuestionamiento e insista en la interrogación con finalidad crítica, debe ser marginado e liquidado”, segundo a “neolengua orwelliana” e a narrativa anti-humana. Portanto, precisamos de outra via para a Didática do Ensino Superior capaz de promover a consciência em alternativa ao silêncio, ou a ausência de crítica. Queremos mostrar que é possível autogerir-se, entender a si mesmo e ajudar o outro. Precisamos de uma nova cultura em alternativa a estrutura atual, uma cultura que não tenha indivíduos escravos de si mesmos, escravos ideológicos de um poder, mas sujeitos que entendam a importância da vida, do meio ambiente como equilíbrio do planeta, tema a ser discutido em outro momento.

La neolengua, en función de la narrativa anti-humana procura centrar la atención, personal y colectiva, en ideas-fuerza que, en su abstracción, permiten la visión dicotómica de la sociedad en base a ismos: capitalismo, socialismo, clasismo, fascismo, liberalismo, etc (Iturbe, 2022, p. 15).

Vivemos num período em que muitas verdades se tornaram mentiras e mentiras se tornaram verdades. Todo esse emaranhado de situações colocam o indivíduo a prova. Para sobreviver ileso dos dramas que influenciam na vida moderna, apenas um bom gestor das emoções resistirá, tendo em vista que são muitos, os desafios. Em um dos capítulos da obra de Iturbe, percebemos que “Ningún totalitarismo puede ser honestamente defendido. Nazismo y comunismo fueran plagas anti-humanas.”. Iturbe (2022, p. 238). Olhando por este viés, podemos dizer que uma didática inovadora, tecnicamente falando, é pouco, precisamos ultrapassar as fronteiras da técnica, questionar as ideologias, a gestão das emoções e não perder de vista o meio ambiente como futuro da vida, do planeta.

Iturbe (2022), fez crítica à antropologia do globalismo dizendo que estamos numa etapa terminal da cultura humana onde o homem está sendo reduzido “a quase evaporação”. A política anti-humana reduziu o ser humano ao ponto de ele desconhecer sua própria natureza dando lugar a uma estrutura operativa universal que denota querer estar acima do Estado, que se acha no direito de tomar as decisões políticas, econômicas e sociais, dentro de interesses restritos. Na verdade, corremos o risco de tornarmos um controle da inteligência artificial, a nova aventura é em escala planetária, preocupante, estarrecedora.

Se voltarmos para “O Código da Inteligência (2016)” de Augusto Cury veremos que “Por meio da arte da dúvida e da crítica todos os paradigmas irracionais, os dogmas existenciais e os pensamentos destruidores que compramos a preço de verdade seriam filtrados pelo Eu.”. Cury (2016, p. 83). Encontramos em Cury a prova de que a arte de duvidar pode pôr em xeque as amarras da vida que impedem milhões de pessoas a terem o mínimo de consciência sobre si mesmas, os fatores que os circundam e os motivos que levam indivíduos ao anonimato. É dever da educação, principalmente Educação Superior, preocupar em capacitar profissionais para autogerir-se promovendo estímulos contra as atrofia do intelecto.

Como administrar as emoções e potencializar a aprendizagem

Estamos caminhando para a parte final e a partir desse momento queremos centrar em alternativas para ajudar na administração das emoções, pois vivemos a era do conhecimento, da competitividade e sobreviverá quem souber administrá-las. Conforme mostra “O Código da Inteligência”: “Esquecemos de realizar o mais importante treinamento: decifrar e aplicar os códigos da inteligência. Sem eles não podemos desenvolver nosso imaginário, nossa capacidade de superação e nossas potencialidades intelectuais.” (Cury, 2016, p. 11). Somos fortemente movidos pelas emoções, mas elas são a razão da nossa dependência também. Se o primeiro não funcionar, a segunda está propensa a falha.

Disse o Psicólogo, psiquiatra e escritor, que: “As emoções tensas, fóbicas e apreensivas fecham as janelas da memória; as emoções prazerosas, desafiadoras e serenas se abrem (Cury, 2016, p. 12). Percebam que um profissional com potencial para o uso da razão, que não seja um bom gestor das emoções, tem propensão a fechar as janelas da memória e esse fechamento pode submetê-lo o caos emocional. Entendendo que não é difícil acontecer uma tragédia, até mesmo com um intelectual, temos a certeza de que devemos estar atentos com os dramas que circundam a nossa mente.

Chamo sua atenção para outro fator. Em “12 semanas para mudar uma vida (2007)”, Cury falou na necessidade de se fazer pequeno para se colocar no lugar do outro, mostrando como uma alternativa, a necessidade de entender as próprias reações para lidar com as reações dos outros e entendê-las melhor. Em “O Código da Inteligência” ele mostra que “Não apenas a irritabilidade, o egoísmo e a arrogância são frutos da emoção, mas também o amor, a compaixão, a solidariedade e o perdão (Cury, 2016, p. 29), eis a complexidade. Para tanto, temos a certeza que, com um pouco de esforço, é possível se fazer pequeno e apequenando-se, conhecemos o outro em suas emoções.

Olhando para a era das informações, veremos que o nível de exploração e de pressão da mente humana e principalmente a do jovem está cada vez mais sutil, impositiva, onde o sujeito passa a objeto da indução de um sistema, torna uma vítima de interesses econômicos restritos que estimula o consumo de alimentos, vestimentas, jogos e outros atrativos digitais. “Os jovens que ficam até de madrugada na internet poderão pagar caro a conta psíquica. Poderão se tornar inseguros, ansiosos, mal-humorados, sem metas, sem garra. Navegue na internet, mas não afunde. Administre seu tempo.” (Cury, 2007, p. 89), afirma o psicólogo e psiquiatra.

A vida social é uma fonte de prazer e um mercado de estresse. Ter amigos, filhos, colegas de trabalho, companheiros de esportes irriga a emoção com alegria, mas frequentemente, causa também sofrimentos. Pontos de vista distintos, atitudes egoístas, rejeições, reações agressivas fazem parte do caldeirão de emoções das reações sociais (Cury, 2007, p. 93).

Se de um lado deparamos com a fonte de prazer na vida em sociedade, do outro lado, vivenciamos frustrações e estresses, é uma via de mão dupla que exige do humano a escolha do melhor caminho a percorrer. Precisamos escolher a direção adequada, o caminho mais curto e nem sempre sabemos fazer isto. Se andarmos na contramão da vida, corremos o risco de sofrer estresse, no agravante maior, a depressão. Já é quase comum, no meio social, ouvir falar em depressão e isso ocorre justamente no período de maior acesso à informação, com uma tecnologia em escala planetária. Tomemos cuidado com a informação puramente técnica, vamos preocupar com a mente saudável e não precisamos descartar a técnica.

Reconhecer nossas debilidades e entrar em contato de maneira nua e crua com nossa realidade não é um passo fundamental apenas para oxigenar a inteligência, reeditar a memória e superar conflitos, mas também para mergulhar nas águas de descanso e beber das fontes mais excelentes da tranquilidade (Cury, 2016, p. 57).

Devemos reconhecer nossas debilidades, mostra a citação a informação faz muito sentido. Encontramos aqui uma alternativa, a chave para pensarmos o sucesso, pois sabendo que podemos falhar no controle da mente, não é correto apostarmos no egocentrismo, podemos nos refazermos, mentalmente, reeditarmos a memória e garantindo a superação de conflitos. As vezes não damos conta dos problemas que nos cercam, sua origem e acabamos ilhados, humilhados no próprio ego. Sabendo que estamos sujeitos à debilidade, mas ao mesmo tempo

capazes de superação, devemos apostar nas ações, ajudar o outro e fazer a autoajuda, esse é o segredo da superação.

A neodidática (nova didática) uma perspectiva de futuro

Há três caminhos para a didática potencializar a demanda do futuro e a partir deles pôr em prática as suas ações. Sem os três vieses pedagógicos a didática reduziria em sua eficácia, deixaria de contribuir com uma série de possibilidades capaz de elevar o ser humano a real potência. Portanto, devemos atuar *criticamente*, *atuar tecnicamente* e *atuar psicologicamente*. Pensar *criticamente*, implica fazer uma análise conjuntural que externe o que está socialmente internalizado na mente das pessoas e as reduzem a objeto, uma mercadoria. O ser humano tem que ser gente e como gente tem o direito de pensar suas ações de forma crítica e criativa.

Tecnicamente, implica a não condenação dos recursos digitais como fazem alguns críticos dependentes dos instrumentos que criticam. É preciso entender que os recursos estão disponíveis e as boas intenções são bem-vindas, mas é necessário questionar o ineficaz, tanto quanto, potencializar o aluno na dimensão global sem perder de vista o local. *Psicologicamente*, precisamos entender e ajudar o aluno entender a era do bombardeio de informações e distorções mostrando que quem não administrar os primeiros, não dominará o último. O maior dilema do século está no indivíduo pensante com um conhecimento de si mesmo, o bom senso para lidar com o outro e a capacidade de entender as amarras da era globalizada. Precisaremos da empatia para reduzir o ódio estabelecido no contexto social que não está só no Brasil e sobrevive a séculos.

Precisamos uma didática que além de ater ao conceito da sua ação prática, seja capaz de produzir o efeito tridimensional proposto no artigo. A didática do futuro precisa discutir outros dois desafios de igual importância: a *ecopedagogia* e a *corrida espacial*. Se no primeiro, pensamos a educação do ponto de vista ecológico preocupado com o meio ambiente e o futuro da humanidade, a vida. No segundo, pensamos em novas aventuras rumo ao desconhecido, aventuras duvidosas, que sendo bem sucedida, colocará a humanidade noutra perspectiva desafiadora, a extraplanetária.

Propor uma nova didática com esse viés é pôr em xeque os desafios que o presente requer estabelecendo novas perspectivas. Talvez tenhamos que pensar na psicologia do sucesso de Dweck (2017), ou fazer a mudança de hábito de Duhigg (2012). No primeiro caso, adotar a mentalidade de crescimento, no segundo, fazer a mudança de hábitos, pois atualmente dão maior valor ao mercado e à economia, que ao ser humano. Precisamos olhar a vida no contexto

geral priorizando o ser humano acima de tudo. Seria pouco útil desenvolver um pensamento crítico, ou técnico, sobre o futuro, desvinculado da consciência ambiental e da razão, dois alvos na mira dos interesses restritos, do olhar egocêntrico que pensa o mercado acima da vida.

O desafio proposto na pesquisa sugere uma nova Corrente Pedagógica e com ela uma Nova Didática que em princípio chamamos de Pedagogia da reconciliação e Didática da Reconciliação. Reconciliação do ser humano consigo mesmo, com o outro e com a natureza, reconciliação do ser humano com a teologia, reconciliação do ser humano com a razão que está sendo substituída por uma irracionalidade do ponto de vista do valor humano. Portanto, entram na perspectiva das análises: Ciências Humanas e Sociais: Antropologia, Sociologia, Psicologia, Filosofia, Pedagogia e Didática de Ensino. Temas, como: ecopedagogia, natureza e soberania, vida animal e vegetal, formando professores e gestores dentro do conceito de uma reconciliação humana.

Considerações finais

Procuramos discorrer sobre caminhos pertinentes para ajudar no desenvolvimento de saberes na Didática de Ensino da Educação Superior. A didática é uma Ciência que pode contribuir, expressivamente, na formação dos profissionais do futuro tendo em vista que a pós-modernidade requer um profissional com novas habilidades capazes de atenderem as exigências da competitividade. É necessário um profissional com altas habilidades técnicas e psicológicas, ciente da conjuntura que o cerca, capaz de superar as pressões impostas nas transformações do futuro. À primeira vista precisamos adequar ao uso das técnicas de uma IA², adequar ao autoconhecimento e por últimos, adquirir habilidade para lidar com a diversidade sem perder a empatia.

Foi pensando assim que construímos o estudo, a ser aprimorado, pelo tamanho da demanda, na busca de alternativa para o futuro da humanidade. Sugerimos que a Didática de Ensino na Educação Superior saiba construir sujeitos capazes de autogerir, transmitindo conhecimento aos futuros profissionais dentro da necessidade atual. Para isso acontecer, pensamos em provocar o sistema de ensino a investir na didática oportunizando uma nova mentalidade. O estudo bibliográfico perpassou por caminhos que ajudaram nas provocações e iniciativas na direção. Nada de grandes novidades, apenas sugestões de adequação à técnica e ação didática que proporcione um olhar amplo sobre a necessidade real da atualidade.

² IA - Inteligência Artificial

Apesar de vivermos na era das inovações tecnológicas e da corrida espacial, é verídico e estarrecedores os danos na ordem psicológicas, precisamos lembrar que esses entraves tem origem na ineficiência gestão das emoções, na dificuldade de acompanhar as evoluções tecnológicas atuais e na escassez do entendimento sobre a conjuntura social e ideológica predominantes no país. Primeiro falamos nos dramas que o coração sente, mas o cérebro não controla, pois as pessoas sentem a pressão da era globalizada com uma enxurrada de informações e distorções, mas a liberdade de expressão e a livre concorrência põe a maioria desinformada em estresse e no agravante maior, na depressão. Esta foi a razão de cogitarmos a necessidade de uma nova didática atenta ao momento.

O desafio sugere uma nova Corrente Pedagógica e uma Nova Didática de ensino que em princípio seria a “Pedagogia da Reconciliação” e a “Didática da Reconciliação”. Reconciliação do ser humano consigo mesmo e com o outro, reconciliação do ser humano com a natureza, do ser humano com a teologia, do ser humano com a razão que caminha para a irracionalidade. Reconciliação entre Norte e do Sul Global pensamos na Indústria e Matéria-prima. Portanto, Ciências Humanas e Sociais como Antropologia, Sociologia, Psicologia, Filosofia, Pedagogia e Didática e temas essenciais complementares ajudarão na formação da consciência de futuros profissionais gestores das emoções instigando a reconciliação humana como superação do momento.

Referências bibliográficas

ANDRADE, J. P. SARTORI, J. **O professor autor e experiências significativas na educação do século XXI: estratégias ativas baseadas na metodologia de contextualização da aprendizagem.** in BACICH, L e MORAN, J. Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Penso. Porto Alegre, 2018. p. 175-198.

CURY, A. **O código da inteligência.** Sextante. Rio de Janeiro, 2016.

_____, A. **homem mais inteligente da história.** Sextante. Rio de Janeiro, 2017.

_____, A. **12 semanas para mudar uma vida.** São Paulo. Ed. Planeta do Brasil, 2007.

_____, A. **Dez leis para ser feliz:** ferramentas para se apaixonar pela Vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DWECK, C. S. **Mindset:** a nova Psicologia do Sucesso. Tradução: S. Duarte. 1ª ed. 24ª reimpressão. Objetiva. São Paulo, 2017.

DUHIGG, C. **O Poder do Hábito**: Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios. Tradução: Rafael Montovani. 1º ed. 44ª reimpressão. Objetiva. Rio de Janeiro, 2012.

HAN, B. C. **Sociedade da Transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Vozes. Rio de Janeiro, 2017.

ITURBE, J. R. **De la Biopolítica a la Big Tech de la postmodernidade al postmarxismo**. 1º ed. Areté. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2022.

LLÁCER, T. **Nietzsche**: o super-homem e a vontade de poder. Salvat. São Paulo, 2015.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. (IN. BACICH, L. MORAN, J.) Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Penso. Porto Alegre, 2018. p. 1-25.

SOUZA, J. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Leya. Rio de Janeiro, 2018.